



Congresso Nacional de Estudos Culturais: diálogos de resistências, 2, 2023, Aquidauana. **Anais do II Congresso Nacional de Estudos Culturais: diálogos de resistência**, Aquidauana: Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Aquidauana, 2 a 4 de outubro de 2023.



## **A LUTA E A RESISTÊNCIA DO INDIVÍDUO SURDO FRENTE A UMA HISTÓRIA CULTURAL DE PRECONCEITOS E RELAÇÕES DE PODER**

Andreza Sales Ferreira<sup>1</sup>  
Helen Paola Vieira Bueno<sup>2</sup>

**RESUMO:** Historicamente a vida do sujeito surdo nunca foi fácil: uma cultura eugenista, preconceitos, isolamentos, abafamentos, histórias de vidas ceifadas sem o direito de poder crescer fizeram com que muitos surdos ao longo dos séculos morressem de forma cruel, uma relação de poder que fazia-se valer o direito daquele que oralizava (e que detinha o poder) ou pelo menos era capaz de falar os 5 sacramentos da igreja católica, frente a um grupo que se achava no direito de escolher quem vivia ou morria, ou quem iria ficar trancafiado dentro de casa por vergonha e sem direitos a interagir com outrem. Porém, existe nesta mesma época até os dias atuais uma luta e uma resistência no ato comunicativo da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), da luta, da busca por serem ouvidos, em um protagonismo surdo em busca de um direito bilíngue que sempre deveria ter acontecido. Sendo assim, o objetivo deste é despertar para a história cultural de resistência da comunidade surda bilíngue, por meio de uma pesquisa bibliográfica e documental que nos faz refletir sobre os preconceitos já existentes e o avanço do entender da comunidade surda. Para tanto faz-se necessário a pesquisa devido a importância do emergente tema na atualidade.

**Palavras-chave:** Surdo na história; Relação de Poder; Libras; Cultura; Luta e resistência.

### **INTRODUÇÃO**

A história Cultural do sujeito surdo é vista como um movimento de luta, valorização, protagonismo de resistência que englobam relações de poder, desde muito cedo. Saber que muitas crueldades já ocorreram frente a história da pessoa surda é lembrar de atos que causam repudia, enojo, revolta e principalmente espanto, todavia, para alguns esses fatos não tão divulgados, são silenciados, subjugados e deixados em um quarto escondido em uma parte da história, sendo assim, este artigo vem de embate com o objetivo de romper a cultura do esquecimento e valorizar o protagonismo resistente da pessoa surda.

Neste sentido, conhecer culturalmente a história da pessoa com deficiência seja ela qual for, como uma oportunidade de quebrar paradigmas, de minimizar e de romper com crenças que possam até os dias atuais trazer prejuízos, preconceitos, isolamentos e barreiras como

---

<sup>1</sup> Mestranda do PPGCULT Aquidauana – UFMS em Estudos Culturais e Professora da REME/MS. E-mail: andreza2005ufms@gmail.com

<sup>2</sup> Professora Doutora orientadora PPGCULT/MS. E-mail: helen.bueno@ufms.br



Congresso Nacional de Estudos Culturais: diálogos de resistências, 2, 2023, Aquidauana. **Anais do II Congresso Nacional de Estudos Culturais: diálogos de resistência**, Aquidauana: Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Aquidauana, 2 a 4 de outubro de 2023.



resistência nos mais variados tipos de relação em todos os patamares de vivência, seja na rua, em casa/família, na escola/ alunos/ professores, trabalho/ colegas de trabalho/clientes/ alunos e assim por diante.

Tendo então sua forma de comunicação estabelecida através da língua de sinais, em 24 de abril de 2002, o Congresso Nacional sancionou a Lei de Nº 10.436, na qual o Art. 1º expõe: É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados. Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil. (BRASIL, 2002)

Pensando nessas relações e a comunidade surda, pode-se verificar que historicamente a vida do sujeito surdo nunca foi fácil, esses passaram por fases de serem adorados como deuses a uma cultura que existia por muito tempo chamada de eugenista, onde demonstrava por ações preconceitos, assassinatos, isolamentos/cárcere, abafamentos de vozes sinalizadas, histórias de vidas ceifadas sem o direito de poder crescer, que pode-se ver no trecho citado por (SILVA; SOUZA, 2018) logo abaixo onde alerta-nos a pensar sobre

a influência da eugenia na política educacional para os surdos no século XIX, com a defesa da oralização, da coibição da expansão das escolas e das associações de surdos, bem como da língua de sinais e do casamento entre surdos com o objetivo de evitar a formação de uma variedade surda da raça humana. (SILVA; SOUZA, 2018, p.1)

Situação essa que é inaceitável nos dias de hoje. Impedir alguém de se relacionar pelo simples fato de uma não expansão de um grupo, é no mínimo uma exclusão de um apagamento de histórias, é um afogamento de sonhos, foi um ato político que esteve além de suas funções, porém, existe nesta mesma época e perpetua até os dias atuais uma luta e uma resistência ao ato comunicativo da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), da luta, da busca por serem ouvidos, em um protagonismo surdo na procura de um direito bilíngue que sempre deveria ter acontecido.

Sendo assim, para tanto faz-se necessário a pesquisa devido a importância do emergente tema na atualidade para a busca por reconhecimentos, que nos faz pensar o quanto a história deixou de registrar histórias vidas e sonhos, e este artigo é e mostra um ato de resistência de mãos que foram amarradas que hoje a usam para sinalizar, pensamentos que foram brecados que hoje sonham, vidas que não tiveram chances de nascer, mas, que com a continuidade da



Congresso Nacional de Estudos Culturais: diálogos de resistências, 2, 2023, Aquidauana. **Anais do II Congresso Nacional de Estudos Culturais: diálogos de resistência**, Aquidauana: Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Aquidauana, 2 a 4 de outubro de 2023.



resistência do povo surdo hoje em outra época e outra visão tem o direito de protagonizar suas próprias histórias e seus enredos.

Pode-se ver que fizeram com que muitos surdos ao longo dos séculos morressem de forma cruel, uma relação de poder que fazia-se valer o direito daquele que oralizava (e que detinha o poder/recursos financeiros/terras/ família abastada) ou pelo menos era capaz de falar os cinco sacramentos da igreja católica. Ainda Carvalho (2007) citado por (2021 p. 1).

O surdo era visto e tratado diferentemente nas primeiras civilizações do mundo. Segundo ele, no Egito, eram tidos como pessoas adoradas, as quais podiam possuir o poder de comunicação com os deuses e até mesmo os já mortos, Faraós. O povo Hebreu, nos primeiros cinco livros da bíblia, traz uma referência aos surdos e cegos, eles tinham proteção de toda nação hebraica e eram considerados cidadãos da mesma. Na Grécia, eles eram denominados como inabilitados. Os gauleses ofereciam os surdos em forma de oferenda ao deus Teutates. Já na China, nas primeiras dinastias, as crianças surdas eram jogadas no oceano. Em Constantinopla, os surdos eram tratados da mesma maneira que na Roma, porém, algumas atividades lhes eram atribuídas, como, trabalhos na corte, acompanhantes das damas, bobos da corte e serviços que usavam força física, (idem) também traz um breve adendo de como a Igreja na Idade Média viam os surdos, para ela todas as pessoas surdas não teriam direito nenhum a salvação. Entendia-se que já que o indivíduo não poderia ouvir, eles por consequência, disto não poderia falar, e sendo assim, incapaz de pronunciar os sacramentos da referida igreja. Durante todo esse período inexistia um método que ensinasse essas pessoas a se comunicar umas com as outras, e sendo elas desprezadas na maioria das vezes, causou-se então um isolamento do convívio social.

E ainda segundo Gesser (2012)

Embora os convictos da proposta oralista acreditassem que a “cura” pela fala pudesse ser o único caminho possível, outros profissionais da área da educação perceberam o relevante papel da língua de sinais no processo de escolarização dos surdos. Entendiam que, sem a língua de sinais, o surdo teria implicações linguísticas, psicológicas, sociais, podendo comprometer uma série de habilidades cognitivas em seu desenvolvimento. (GESSER, 2012, p. 87).

Frente a um grupo que se achava no direito de escolher quem vivia ou morria, ou quem iria ficar trancafiado dentro de casa por vergonha dos pais, avós e ou responsáveis sem direitos a interagir com outrem, mesmo, que esse outro alguém seja de sua família ou vizinhos, sem contato não existia alteridade ou empatia com ser humano surdo.

Sendo assim, na alteridade para surdos/ cultura surda e com os pensamentos de Strobel:

Quando pronunciamos ‘povo surdo’, estamos nos referindo aos sujeitos surdos que não habitam no mesmo local, mas que estão ligados por uma origem, por um código ético de formação visual, independente do grau de



Congresso Nacional de Estudos Culturais: diálogos de resistências, 2, 2023, Aquidauana. **Anais do II Congresso Nacional de Estudos Culturais: diálogos de resistência**, Aquidauana: Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Aquidauana, 2 a 4 de outubro de 2023.



evolução linguística, tais como a língua de sinais, a cultura surda e quaisquer outros laços. (STROBEL, 2009, p. 29).

Esse é um problema que mesmo veladamente ainda exista hoje, porém, bem superficialmente, presentemente, a luta e a resistência em se fazer ser visto/notado, ouvido/olhado faz com que os direitos e deveres a cada dia sejam mais colocados em práticas, a fim de que a resistência do movimento da surdidade faça-se reconhecida nas suas partes e na totalidade de uma movimento, não de uma deficiência, porém de uma minoria linguística, que luta por reconhecimentos e o direito de terem direitos básicos, como por exemplo, ir ao posto de saúde e ser atendido na sua língua majoritária, enfim, na sua língua materna que é a língua de sinais brasileira, no caso do Brasil a LIBRAS.

Essa é uma pesquisa que mostra de uma forma bibliográfica e documental o que os faz ser resistência, luta diária em um despertar para o conhecimento, isso para saírem da negação, do luto, do isolamento, da morte e da crueldade para uma história protagonista onde a luta nunca acabará, todavia, será ressignificada para esses seres bilíngues que querem ter seus direitos representados, válidos e atuantes, para que sejam representados em todas as instâncias, como um ato comunicativo, independente se homem/mulher, se jovem/idoso, se negro/branco, se brasileiro/estrangeiro, se surdo/deficiente auditivo, entre outras se faz necessário esse despertar cultural.

Isto se refere, porque são através das leis que se conseguem visibilidade e interseccionalidade, inclusão, reconhecimento, ato de resistir, de lutar e a oportunidade de ser protagonista resistente da sua comunidade/história e empoderamento. Para tanto, o objetivo principal deste é despertar para a história cultural de resistência da comunidade surda bilíngue, por meio de uma pesquisa que fará refletir sobre os preconceitos já existentes e o avanço do entender da comunidade surda.

## **DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA**

A visibilidade, a luta e a resistência do indivíduo surdo frente a uma história cultural de preconceitos e relações de poder, permite-se amontoar-se histórias, conceitos e fundamentos construídos ao longo de séculos que dão legalidade para que hoje o sujeito surdo possa vencer a história de seus antepassados do abandono a institucionalização.

Rompem-se características excludentes e marginalizadas da sociedade, na busca incessante por um movimento inclusivo nas mais diversas camadas e na coletividade que



Congresso Nacional de Estudos Culturais: diálogos de resistências, 2, 2023, Aquidauana. **Anais do II Congresso Nacional de Estudos Culturais: diálogos de resistência**, Aquidauana: Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Aquidauana, 2 a 4 de outubro de 2023.



precisa ser respeitada e valorizada, para isso é necessário conhecer para entender as raízes do movimento surdo e acatar que a história da pessoa surda está intimamente ligada, ou melhor, inserida na história da educação especial, não só no campo escolar, mas, passa-se por institucionalização e vai de encontro a vidas isoladas e sufocadas na ânsia de serem ouvidas e/ou notadas nas suas necessidades básicas, isto como, um todo.

Requer uma análise reflexiva interseccional, de alteridade e cultural da época, já que se vive hoje em um outro período, um momento de conquista intensa de luta pelos direitos dos grupos de minoria, onde a democracia está em vigor, então iniciaremos com o conceito de educação especial e logo depois sua história no Brasil:

Mas o ápice da conquista e da luta da comunidade, se deu em 2002, a aprovação da Lei 10.436, que reconhecia a Língua de Sinais como comunicação oficial dos Surdos no Brasil, a qual ficou conhecida como a Lei de Libras e em 2005 sobre o mandato do presidente Luiz Inácio Lula Da Silva, aprovou-se então o decreto nº 5.626 que regulamentou a Lei de Libras, o que então corroborou para o fortalecimento de toda comunidade para continuar lutando por aquilo que sempre almejavam um espaço na sociedade (JÚNIOR; MOURA; FERREIRA; CAVALCANTI, 2021, p. 8).

Essa história coligada aos hospitais psiquiátricos, também institucionalizações especializadas, da exclusão, segregação abriu caminhos para a integração e hoje para a inclusão, que efetiva, ainda não acontece totalmente em todos os lugares e com todas as pessoas, estamos em um processo de construção de conceitos, entenderes, saberes e práticas, isto por que durante muito tempo se julgou os surdos como pessoas sem poder de decidir-se sobre si e sobre o outro, posto foram taxados de seres irracionais, servos ou em outra época foram seguidos e vistos como deuses ou semi-deuses, entretanto, diante da narrativa de vida de pessoas surdas,

curiosamente, em alguns lugares, os surdos já foram considerados deuses, no caso do Egito, no 5º milênio a.C, quando acreditavam que os surdos podiam ver mensagens dos deuses como intermediários, já que não falavam com a voz. Na verdade, tal concepção era uma forma de os faraós manterem o poder sobre o povo do Egito, já que este via os surdos como seres estranhos, com um jeito de se comunicar diferente; assim, a população tinha medo e pavor dos surdos. (Carvalho, 2007, p. 08-13 apud)

“Em contraponto, com o passar do tempo o medo e o pavor deram legalidade de trancafiar aqueles que julgavam ser diferentes, anormais, estranhos, a fim de uma forma hegemônica impor o poder e o controle da sociedade” (FERREIRA, VIEIRA, 2023, p. 6), neste sentido, “no ponto de partida, podemos então colocar o projeto político de classificar





exatamente as ilegalidades, de generalizar a função punitiva, e de delimitar, para controlá-lo, o poder de punir.” (FOUCAULT, 1987, p. 121) como se todos que são diferentes, com uma diferença linguística no caso da pessoa surda, fossem criminosos ou doentes e necessitassem ser institucionalizados e o pior ainda em lugares insalubres e com condições precárias.

Essas ações podem-se considerar um poder que disciplina corpos,

[...] pelo poder disciplinar desde o começo do século XIX: o asilo psiquiátrico, a penitenciária, a casa de correção, o estabelecimento de educação vigiada, e por um lado os hospitais, de um modo geral todas as instâncias de controle individual funcional num duplo modo: o da divisão binária e da marcação (louco não louco; perigoso-inofensivo; normal-anormal); e o da determinação coercitiva, da repartição diferencial (quem é ele; onde deve estar; como caracterizá-lo, como reconhecê-lo; como exercer sobre ele, de maneira individual, uma vigilância constante, etc). [...] instituições que assumem como tarefa medir, controlar e corrigir os anormais, faz funcionar os dispositivos disciplinares que o medo da peste chamava. Todos os mecanismos de poder que, ainda em nossos dias, são dispostos em torno do anormal, para marcá-lo como para modificá-lo, compõem essas duas formas de que longinquamente derivam. (FOUCAULT, 1987, p. 223)

O povo surdo são uma minoria linguística, com costumes, jeitos, cultura racional e com identidades próprias, com seus mecanismos de existir os tornam protagonistas das suas próprias histórias, marginalizada às vezes, porém, com um peso de luta, a fim de romper com alguma taxaço e resistindo por diálogos, movimentos, ações, projetos, associações, congressos, reuniões, encontros e outros que os mesmos se fazem instrumentos sujeitos portadores de vozes sinalizadas, que grita, que clama, que pede para ser ouvida e ser reconhecida como legítima no ato comunicativo.

As línguas de sinais são de modalidade visuoespacial, pois o sistema de signos compartilhados é recebido pelos olhos, e sua produção é realizada pelas mãos, no espaço. São reconhecidas como línguas pela linguística, que lhes atribui o conceito de línguas naturais e não as considera "problema do surdo" ou "patologia da linguagem" (Quadros, Karnopp, 2004).

A língua de Sinais é o ato comunicativo que possibilita e exerce resistência para àqueles que a dominam e a fazem como instrumento de cultura, de maneira a desempenhar e fazer parte da conquista do seu espaço na sociedade, não é um problema do surdo e muito menos uma patologia, é a oportunidade dele conseguir se fazer notado e reconhecido na modalidade visuoespacial em sua completude, em uma luta de resistência do indivíduo surdo frente a uma



Congresso Nacional de Estudos Culturais: diálogos de resistências, 2, 2023, Aquidauana. **Anais do II Congresso Nacional de Estudos Culturais: diálogos de resistência**, Aquidauana: Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Aquidauana, 2 a 4 de outubro de 2023.



história cultural de preconceitos e relações de poder que nunca irá acabar, pois são protagonistas de suas próprias histórias.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Porém, existe nesta mesma época até os dias atuais uma luta e uma resistência no ato comunicativo da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), da luta, da busca por serem ouvidos, em um protagonismo surdo em busca de um direito bilíngue que sempre deveria ter acontecido. Sendo assim, para tanto faz-se necessário a pesquisa e artigos como esses como um ação de um grito sinalizado para referendar a importância do emergente tema na atualidade.

Ainda, há leis que asseguram o direito de comunicar-se e atendimento por meio da Língua Brasileira de Sinais, entretanto, ainda há muito o que se debruçar sobre a resistência do ato de pensar na pessoa surda, como um ser de direitos, mas, com um carga de desconhecimento da língua por muitos e com uma história marcada por aceitação e inserção desse público e só necessitam de atendimento diferenciado e apoio clínico sistematizado, por uma diferença de língua, pois são nacionalmente Brasileiros, forasteiros/estrangeiros em sua própria nação.

Sendo assim, necessitam resistir no ambiente escolar, na família, no hospital, no trabalho, até em um ato funerário precisam lutar pelo direito comunicativo, em fazer parte de uma sociedade que precisa aprender LIBRAS urgentemente, sendo assim, sinalizar é um ato de resistência que vai além do simples ato comunicativo, porém, a forma de mostrar que essa comunidade só quer fazer parte da sociedade da qual ela nasceu ou foi acolhido com o direito de ser entendido nas suas particularidades, potencialidades e talvez dificuldades, onde o resistir não é só uma escolha e sim uma necessidade, onde resistir também é subsistir para não se sufocar em uma cultura ouventista, e por fim, resistir para existir.

## REFERÊNCIAS

CARVALHO, P. V. ded. **História dos Surdos no Mundo**. Editora Surd'Universo. (ISBN 978-989-95254-4-1-2). Lisboa 2007.

GESSER, A. **O ouvinte e a Surdez**: sobre ensinar e aprender a LIBRAS. – São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

JÚNIOR J. A. de L; MOURA I. S. S. A; FERREIRA S. dos S. J; CAVALCANTI A.E. T. B. **C. De mãos amarradas para as mãos que falam**: a história da educação dos surdos no



Congresso Nacional de Estudos Culturais: diálogos de resistências, 2, 2023, Aquidauana. **Anais do II Congresso Nacional de Estudos Culturais: diálogos de resistência**, Aquidauana: Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Aquidauana, 2 a 4 de outubro de 2023.



mundo e no Brasil. IV CINTED, ANAIS, História e Educação dos Surdos. Edição digital/editorarealize.com.br. 2021. Disponível em:

[https://editorarealize.com.br/editora/anais/cintedi/2021/TRABALHO\\_EV156\\_MD1\\_SA7\\_ID\\_369\\_16092021104316.pdf](https://editorarealize.com.br/editora/anais/cintedi/2021/TRABALHO_EV156_MD1_SA7_ID_369_16092021104316.pdf) Acesso em: 06 dez 2023 às 05:13.

SILVA, M. D. P. da; SOUZA, R. M. de. Erradicação da surdez: a eugenia na escolarização dos surdos no século XIX. **Revista pedagógica**. Edição v. 20 n. 43: Jan./Abr. 2018.

Disponível em:

<https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/pedagogica/article/view/3942> Acesso em: 06 dez 2023 às 05:40.

STROBEL, K. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. 2. Ed. rev. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2009.